IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO TRABALHO COMPLETO PARA COMUNICAÇÃO ORAL

Eixo Temático EIXO 07 - CORPOS EM CRIAÇÕES POSSÍVEIS: EXPRESSÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ESTÉTICAS / AXIS 07 - BODIES IN POSSIBLE CREATIONS: PHILOSOPHICAL, POLITICAL, AND AESTHETIC EXPRESSIONS

Pietra Tenório do Nascimento [1]

RESUMO

Este trabalho analisa as potencialidades performáticas de travestis artistas no cistema colonial moderno de gênero, destacando como suas práticas artísticas questionam normas cisheteronormativas e promovem novas possibilidades de existência. Com base em referenciais teóricos decoloniais e estudos de gênero, a pesquisa utiliza entrevistas e análises de performances para evidenciar estratégias de resistência e sobrevivência. O estudo propõe a arte como ferramenta de ruptura e transformação social, reafirmando as subjetividades travestis em contextos de marginalização e criando fissuras em sistemas opressores.

Palavras-chave: Travestilidade; CIStema, Subalternização, Potencialidade

INTRODUÇÃO

A arte sempre se apresentou como uma poderosa ferramenta de resistência e transformação social, especialmente para populações marginalizadas. No Brasil, as travestis enfrentam uma violência sistêmica resultante de estruturas cisheteronormativas

[1] Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - tenoriopietra@gmail.com

que as excluem e as relegam a espaços de invisibilidade. Em um contexto tão adverso, a arte se torna um território de afirmação e reivindicação, permitindo que travestis resistam à opressão enquanto redefinem suas existências. A cidade do Recife, com sua vibrante cena artística, serve como pano de fundo para este estudo, que busca compreender como travestis artistas rompem com os paradigmas de marginalização impostos pela sociedade e utilizam suas produções artísticas como formas de subversão.

A justificativa implícita desta pesquisa é evidenciar o potencial da arte como um meio eficaz para desafiar e desconstruir as estruturas sociais que perpetuam a violência e a exclusão de travestis. Ao invés de se limitar a uma narrativa de vitimização, a arte dessas artistas propõe novas possibilidades de existência, destacando a importância de suas práticas no campo da Dança, do Teatro e da Performance. O estudo, portanto, visa ampliar a compreensão das estratégias de resistência presentes no cotidiano de travestis, mostrando como elas constroem alternativas ao CIStema e afirmam sua existência de forma criativa e impactante.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como travestis artistas em Recife utilizam suas práticas artísticas para romper com os paradigmas sociais de marginalização, propondo novas epistemologias e novas formas de ser e estar no mundo. A pesquisa busca ainda compreender como essas produções artísticas desafiam as normas cisnormativas, criando fissuras no CIStema e oferecendo alternativas criativas de resistência. Para isso, serão investigadas as produções de três travestis artistas da cena local, com base em uma metodologia etnográfica que envolve observação e entrevistas semiestruturadas. O estudo visa, por fim, destacar as potencialidades das travestis no campo da arte como uma forma de reconstruir suas histórias e perspectivas, sem se reduzir aos estereótipos de subordinação ou morte.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia deste trabalho é fundamentada na etnografia, com ênfase na observação participante e em entrevistas semiestruturadas. A pesquisa visa compreender

as práticas e as estratégias de resistência de mulheres trans e travestis no contexto artístico de Recife, focalizando suas trajetórias e os meios pelos quais elas conseguem fissurar o CIStema Colonial Moderno de Gênero em suas produções artísticas. A escolha por uma abordagem etnográfica se dá pela necessidade de captar as nuances da vivência dessas artistas em sua própria realidade social e artística, além de refletir a partir de um ponto de vista que não apenas observa, mas participa da dinâmica de seus contextos.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com três artistas que se identificam como travestis ou mulheres trans. As participantes foram selecionadas com base na afinidade e na convivência, o que possibilitou uma análise mais aprofundada das suas experiências e da singularidade de suas trajetórias dentro da cena artística local. As entrevistas buscavam explorar, entre outros aspectos, os desafios enfrentados, as estratégias utilizadas para se afirmar como artistas e as formas de resistência criativa dentro do CIStema Heteronormativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica desta pesquisa é construída a partir de um olhar transcentrado, ou seja, a teoria e as discussões são fundamentadas principalmente por autoras e autores trans e travestis, que oferecem uma perspectiva genuína sobre as vivências e práticas de resistência de pessoas trans em uma sociedade cisgênera. O objetivo é dar visibilidade às narrativas e práticas artísticas de travestis e mulheres trans, enquanto resistência às estruturas de opressão.

As principais autoras que sustentam esta pesquisa são Letícia Nascimento (2021), Sofia Favero (2020), Helena Vieira (2017), Amara Moira (2017), Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e Jota Mombaça (2021), que têm se destacado por suas reflexões sobre as vivências de pessoas trans e travestis, suas produções artísticas e suas

formas de subversão do sistema cisnormativo. O conceito de CIStema Colonial Moderno de Gênero, que estrutura esta pesquisa, refere-se ao conjunto de normas e práticas cisnormativas que delimitam o que é considerado aceitável na sociedade e na arte.

Dentro desse sistema, as travestis e mulheres trans são vistas como agentes de resistência, que, ao se afirmarem artisticamente, criam fissuras nesse sistema.

A pesquisa foca também na ideia de travestilidade como uma forma de resistência cultural e estética. Essa perspectiva considera as formas de produção e criação de pessoas trans e travestis não como imitações ou resquícios de uma norma cisgênera, mas como expressões autênticas de resistência e potência criativa. A travestilidade é entendida aqui como uma forma de subversão das normativas de gênero, ao mesmo tempo em que se configura como um modo legítimo de viver e produzir arte em um espaço dominado pelo cisgênero.

O referencial teórico da pesquisa visa, assim, centralizar as experiências e as produções artísticas de pessoas trans e travestis, oferecendo uma análise crítica sobre o cisgenerismo e suas formas de opressão, ao mesmo tempo em que celebra as estratégias de resistência criativa dessas artistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa evidenciam como as artistas trans e travestis de Recife têm encontrado maneiras de criar fissuras no CIStema Colonial Moderno de Gênero para adentrar e conquistar notoriedade na cena artística local, apesar da constante exclusão e invisibilização em festivais, editais de fomento e outros espaços de visibilidade. As estratégias dessas artistas envolvem a construção de novos caminhos e formas de resistência dentro de um sistema que frequentemente as apaga e as

marginaliza, desafiando as estruturas tradicionais de inclusão no circuito artístico. A pesquisa também revelou que, mesmo diante da ausência de reconhecimento oficial, elas continuam a criar e a afirmar suas identidades artísticas, sendo protagonistas em um cenário que ainda não está pronto para acolhê-las plenamente.

Essas práticas não se limitam à resistência passiva, mas buscam transformar as dinâmicas do campo artístico, criando espaços alternativos de resistência, colaboração e visibilidade. Ao desafiar as normas estabelecidas, essas artistas são capazes de reconfigurar o cenário artístico da cidade, proporcionando novas formas de existir artisticamente em um ambiente cisgênero e excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma análise das potencialidades performativas de travestis e mulheres trans, destacando como estas artistas criam fissuras no CIStema Colonial Moderno de Gênero, a fim de garantir sua sobrevivência e presença nas artes. Ao longo da pesquisa, observamos que, embora as travestis e pessoas trans enfrentem um sistema que constantemente tenta apagá-las e marginalizá-las, elas desenvolvem estratégias criativas de resistência, utilizando seus corpos como ferramentas de subversão e expressão.

As entrevistas realizadas com artistas locais permitiram compreender, de maneira mais detalhada, os processos e desafios que essas mulheres atravessam para se inserir na cena artística recifense, um espaço muitas vezes fechado e cisnormativo. As vivências dessas artistas revelam não apenas a luta pela sobrevivência, mas também um esforço constante para ocupar um lugar de visibilidade e reconhecimento, apesar da exclusão sistemática dos espaços tradicionais de fomento e representação artística.

Embora a pesquisa tenha permitido refletir sobre algumas dessas questões, ela também abriu caminho para novas problemáticas, como a necessidade de fortalecer

redes de apoio e criar espaços inclusivos para essas artistas, além de ampliar a reflexão sobre como o sistema artístico pode ser transformado para que seja mais acolhedor e representativo das diversidades de gênero

Esta pesquisa contribui para o campo dos Estudos Trans e das Artes Cênicas, destacando a importância de outras investigações que possam ampliar o entendimento sobre a performance e a arte de travestis e mulheres trans. É fundamental que as discussões sobre gênero e performatividade travesti se ampliem, especialmente nas áreas acadêmicas e artísticas, para que possamos não só contar nossas histórias, mas também transformá-las em formas de resistência e empoderamento.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BENEVIDES, Bruna G. *The situation of violence against afro-lgbti people is invisible and systematic in Latin America*. Disponível em: https://raceandequality.org/english/the-situation-of-violence-against-afro-lgbti-people-is-invisible-and-systematic-in-latin-america-activists-warn-the-iachr. Acessado em: 25 jul. 2021.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-47, 2020. Disponível em: https://piseagrama.org/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/. Acessado em: 04 ago. 2021.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*

Social, v. 7, n. 12, p. 1-22, 27 fev. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520. Acessado em: 04 ago. 2021.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos, SP: Edufscar, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf. Acessado em: 04 ago. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817/0. Acesso em: 04 ago. 2021.

LEAL, Dodi T. B. *Performatividade Transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral*. 2018. 534 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MOIRA, Amara. *Travesti ou mulher trans: tem diferença?*, 2017. Disponível em: https://midianinja.org/amaramoira/travesti-ou-mulher-trans-tem-diferenca/. Acessado em: 04 ago. 2021.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. *Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação*. Salvador: Editora Devires, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento e Justificando, 2017.

VIEIRA, Helena. *O QUE É SER TRANS?* Entrevista com Helena Vieira, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cSswUvSnPgQ&t=155s. Acessado em: 04 ago. 2021.